



**ST5. HISTÓRIA E IMPRENSA A CULTURA E A POLITICA NO BRASIL DO SÉCULO XX**

268

**IMPRENSA E MOVIMENTO ESTUDANTIL: A ATUAÇÃO POLÍTICA DO CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE NA CONJUNTURA ANTERIOR AO GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964**

*Ajanayr Michelly Sobral Santana<sup>1</sup>  
Iranilson Buriti (orientador)<sup>2</sup>*

**Resumo:** O objetivo, por meio deste artigo, é o de analisar o espaço do Centro Estudantal Campinense como atuação política no movimento estudantil, através da produção do jornal Formação produzido e organizado pelos estudantes, aproximando-se dos eventos que antecederam o golpe civil-militar de 1964. Os estudantes da cidade de Campina Grande/PB vivenciaram, através de múltiplas experiências, a efervescência política ao qual passava a cidade e o país, haja vista o núcleo ativo de intelectuais e estudantes. Disto, abordaremos a publicação deste jornal, e de outros, em que os estudantis souberam usa-lo como instrumento e principal veículo para divulgar suas lutas, ideias e manifestos, como porta-voz dos interesses dos estudantes. Utilizaremos como fio condutor a perspectiva da História Oral, através da memória da militância de líderes estudantis e editores/colaboradores do jornal Formação no espaço do Centro Estudantal Campinense. Para tanto, através desses jornais discutiremos as principais lutas políticas e discussões deste Centro, presente institucionalmente até o ano de 1964.

**Palavras-chave:** Imprensa. Centro Estudantal Campinense. Movimento Estudantil.

O Centro Estudantal Campinense<sup>3</sup> -CEC- foi fundado em 06 de outubro de 1935, configurou-se como espaço de experiências e efervescência políticas, haja vista o núcleo ativo de estudantes que através de uma forte atuação política na cidade, não ficaram

<sup>1</sup>Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Especialista em História Cultural pela Universidade Estadual da Paraíba/ Campus 3 Guarabira. Mestranda pelo PPGH - Universidade Federal de Campina Grande. Email :mimysobral@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Federal de Campina Grande. Docente do Programa de Pós-Graduação no curso de História da UFCG e em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância (UFRPE).

<sup>3</sup> Este Centro foi criado pelas ideias trazidas por um grupo de “professorandas”, em visita à cidade de Fortaleza/CE, em uma missão de “cultura e cordialidade”, que inspiraram “jovens idealistas” a fundarem em Campina Grande uma sociedade que congregasse os estudantes (Formação, 1952). Este Centro “surge num momento particular da história brasileira, imperando a dominação varguista, com a repressão pós 1935, o corporativismo da CLT e as ações modernizantes na economia encaminhas pelo Estado” (NASCIMENTO, 1990, p.129).

alheios a fatos ocorridos nos acontecimentos que antecederam ao golpe civil-militar de 1964.

Dos muitos acontecimentos que circundaram as múltiplas formas de lutas no movimento político estudantil, os grupos de estudantes organizaram-se a partir de sensibilidades ou culturas comuns e de afinidades, que alimentaram o desejo de conviver e lutar juntos, através das ações das lideranças centristas, a partir da produção de jornais, objetivo do nosso estudo.

De acordo com os relatos do ex-militante e centrista Josué Sylvestre<sup>4</sup>, o Centro Estudantal Campinense:

Era uma força muito grande, tinha um prestígio enorme, os prefeitos ouviam eles, perguntavam o que o Centro achava sobre determinada decisão, sobre ingresso de cinema, preço do pão, preço das passagens de ônibus urbanos. O Centro tinha uma força poderosa e nós chegamos a decretar greve várias vezes, parar tudo quanto foi de transporte, fechar cinema, aconteceu muito, era uma força, mesmo, mesmo. (SYLVESTRE, depoimento [nov. 2013]).

269

Neste sentido, é que Gilmar do Nascimento discorre sobre a importância do espaço do Centro Estudantal no crescente engajamento e ascensão de centristas em lutas políticas e sociais. “O Centro Estudantal Campinense refletia-se diretamente no conjunto da sociedade civil campinense, apresentando-se como entidade que detinha a mais forte representatividade a nível local” (1990, p.209).

Para tanto, neste artigo, os jornais serão o palco de discursos e lutas políticas dos centristas, onde os delimitaram e os classificaram como lugar de memórias, sentimentos e manifestações. É nos jornais que se desenrolam toda a trama política, elaborados dentro do espaço físico do Centro Estudantal Campinense e desenvolvidos toda a ação dos estudantes. Como espaço de enunciação, pertencimento e convencimento, os jornais torna-se lugar de falar, o lugar de agir da juventude centrista.

Foi nos jornais que eles escreveram e assumiram a legítima e verdadeira<sup>5</sup> autonomia da palavra, marcando suas ambições através da escrita, atribuindo-lhe sentidos, esta se materializa, se objetiva, é um poder que define códigos e domina, “controla ou seleciona segundo suas normas todos aqueles que não possuíram esse domínio da linguagem” (CERTEAU, 2007, p. 230).

Todos aqueles que escreviam e/ou que desejassem escrever, podiam publicar seus textos nos jornais. Eram vistos/ditos como intelectuais e por vezes jornalistas, e grande conhecedor das letras, portanto, possuíam *status quo*, eram selecionados como editores e diretores do jornal *Formação*. Escrever privilegiava, hierarquizava no Centro Estudantal, que faziam da linguagem seu instrumento de produção/promoção, tendo como ferramenta de poder-saber o lápis e papel em branco. O poder-saber da escrita

<sup>4</sup> Estudante e militante foi presidente do Centro Estudantal Campinense entre os anos de 1960-62. “Nacionalista ferrenho” participou de congressos da UBES, chegando quase à diretoria; levou o CEC para as reuniões da AESP (Associações dos Estudantes Secundários da Paraíba), sendo o Centro a única entidade municipal; inaugurou a Casa do Estudante Félix Araújo. Sua atuação no movimento estudantil foi até o ano de 1963 quando, vice-diretor da UBES, seu mandato foi caçado no Conselho Nacional dos Estudantes por ausência de atividades na diretoria. Considerando como graves seus pensamentos e sua atuação na vida pública, Josué se “livrou de punições do movimento de março de 1964” (2013, p. 74-75). Hoje historiador e escritor, escreveu obras sobre a política partidária campinense e seus políticos. Obras citadas na referência bibliográfica.

<sup>5</sup> Entendo o conceito de verdade de acordo com as ideias de Foucault (2008, p. 232-233): “conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros. Não há absolutamente instancia suprema”.

convenceu e tornou-se ambicionada, alimentada para muitos como uma prática de fazer ligada a prática do movimento dos estudantes, pois era através da escrita e da palavra que o CEC gerou o movimento político local.

Escrever se mesclou as maneiras de fazer dos estudantes e as formas de se apropriarem das políticas públicas e nas suas práticas cotidianas. Essas, são para Certeau (2007), práticas triviais, como conversar, as expressões, os gestos, ligados ao contexto em que ocorrem no instante da vida diária e pública. Práticas rotineiras que fazem do jornalismo um lugar comum, onde compuseram os acontecimentos diários da vida dos estudantes, das atividades e dos significados que construíram nos seus hábitos e nos seus rituais em que celebraram suas passagens nas ruas, nas escolas, no sentido social e político dessas práticas e comportamentos.

O jornal *Formação* foi criado em 1936, funcionou até 1940, ressurgindo anos depois no ano de 1948<sup>6</sup>, tenho como um dos muitos redatores e diretores Josué Sylvestre. Foi criado como o jornal oficial do Centro Estudantil Campinense, gerenciado e escrito pelos centristas ou intelectuais da cidade, este jornal se configurou como veículo de transmissão dos discursos do Centro, tendo o cargo de diretor do jornal de importância e de disputa entre os centristas. Editado com recursos próprio dos estudantes e criado dentro do próprio espaço do Centro, o jornal *Formação* era:

Um jornal mensal, as vezes não saía todos os meses por falta de dinheiro, não tinha sede, a sede era a sede do Centro, a redação tirava o jornal de lá mesmo, na realidade ele era mais feito na casa de cada um, e o diretor leva pra gráfica, para diagramar né; não era um jornal assim com força econômica, cada vez era uma guerra tremenda para levantar o custo da impressão né (SYLVESTRE, depoimento [nov.2013])

Apesar de não ser editado todo mês e de não ter uma “força econômica” na cidade, este jornal funcionou como uma força política e um meio de estudantes escreverem e dos líderes centristas exporem as discussões referentes a assuntos de interesses dos estudantes. Desta forma, o jornalismo feito pelos centristas, pode ser caracterizado como aquele de ativa participação dos estudantes, sendo o jornal *Formação* como lugar de carreira nas letras de praticamente todos aqueles representantes do Centro Estudantil e, também, de divulgação e circulação de textos literários e políticos de afirmação como intelectuais campinenses: “escrever na imprensa, tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também, instrumento de legitimação, distinção e mesmo poder político” (ELEUTÉRIO apud GAUDÊNCIO, 2012, p. 184).

O “fazer jornais” tornou-se uma das atividades centrais de grêmios escolares, das associações recreativas, dançantes e artísticos de grupos literários no momento em que Campina Grande crescia em número de instituições e associações. O que explica à primeira vista, o grande número de periódicos em meio ao processo de transformação das

---

<sup>6</sup>De acordo com Bruno Gaudêncio (2012, p. 183), a produção de jornais em Campina Grande na década de 1940 não foi significativa, devido ao período da II Guerra Mundial; o jornalismo campinense somente voltará funcionar com publicações mais ativas no início da década de 1950, quando “houve a volta do crescimento e da circulação dos materiais impressos”. E continua que, “com a experiência da inovação tecnológica e da melhor qualidade da produção textual, com o modelo norte-americano de jornalismo chegando ao Brasil”. Disto, o jornalismo no Brasil e em Campina Grande, ganhará novo aspecto na tiragem e nas formas de divulgação das matérias com “ilustração diversificada, como charges, caricaturas, aumento das tiragens, melhor qualidade dos papéis, baixo culto do impresso”.

práticas culturais na cidade intensificadas principalmente a partir da década de 1930 (GAUDÊNCIO, 2012, p. 167).

Questionado o senhor Josué Sylvestre sobre quem lia e escrevia neste jornal, ele nos narra:

Eram os estudantes, muitos estudantes, pessoas que eram ligadas ao Centro né? Alguns professores, inclusive intelectuais, porque a qualidade cultural do jornal era muito boa, muito boa, porque só escreviam aqueles que tinham é, ascendência cultural né? A gente não publicava artigos de colegas que não sabia escrever; então o nível era muito bom, o jornal era lido por estudantes, familiares e intelectuais, professores (SYLVESTRE, depoimento [nov. 2103]).

Na fala de Josué Sylvestre, podemos perceber certa classificação/exclusão daqueles/as que poderiam ou não escrever no jornal e qual era a intenção do público leitor. Escrito e supostamente lido por aqueles/as que eram considerados possuidores de um nível cultural e intelectual “elevado”, este jornal foi criticado por outro jornal, o *Jornal do Estudante* (1953), também editado por estudantes e de interesses dos mesmos, que possuíam outra política de ingresso no jornalismo, para os que desejavam publicar seus textos no jornal. Se definindo como aquele que tem como principal objetivo está a “serviço do desenvolvimento cultural do estudante campinense”, discorre sobre o livre acesso do estudante na palavra e na busca do conhecimento, numa forma de crítica a jornais que limitaram acesso a outros estudantes, não considerados como aptos a escrever:

Que cada um procure colaborar conosco, enviando trabalhos e sugestões, este o nosso maior desejo (...) Não nos movem interesses outro a não ser o de contribuir, para o florescimento do gosto estudantil pela lêtras, tão raro hoje em dia. Entretanto, inutilmente quiseram tolher a nossa iniciativa com afirmações apaixonadas de que queríamos dividir a opinião da classe, defendendo interesses de grupo. Cumpre-nos esclarecer que o nosso escopo se opõe flagrantemente a essa insinuação canhestra e graciosa. Queremos apenasmente com a criação deste jornal, dispor de uma tribuna livre e pô-la ao mesmo tempo à disposição de quantos desejem, transmitir seus pensamentos e ideias sem pretereções abusivas e ofensivas a independência de quem quer que seja (...) Acima de privilégios, acima de tudo, colocamos os altos interesses da classe estudantil, e para isso a nossa posição é de vigilância, aplaudindo virtudes e denunciando erram com justiça e inserção de ânimo (JORNAL DO ESTUDANTE, 1953, p. 2).

Dois anos antes, o jornal *Tribuna do Estudante* (1951), crítica abertamente, no artigo “O Centro e o Seu DIP”, o Centro Estudantil, acusando-o de criar um “DIP mirim”, como uma comissão para escolher e supervisionar os trabalhos enviados ao jornal *Formação* e “votar a publicação dos que não lhe pareçam necessários”. Para a *Tribuna do Estudante*, o C.E.C com seu “DIP” está violando a “democracia” que destruiu as barreiras da censura Ditatorial Varguista e impôs a todos da imprensa o direito a livre liberdade de expressão. Para eles o *Formação* nunca deve, “porém, usar da faculdade de publicar ou não um artigo sob o pretexto de não ter sido êle escrito como desejam os censores do C.E.C”. No artigo, defende o direito dos estudantes escrever e os jornais, principalmente aqueles editados pelos estudantes, de não somente

aceitarem seus escritos, mais, principalmente, incentivá-los para a escrita e de que as críticas sejam construtivas e não “tirando-os o direito de publicar”:

...um estudante quando escreve se aventura a publicar qualquer produção sua é por julgá-lo capaz de publicação ou, vamos dizer melhor, é para experimentar a sensação de ser lido pelos seus companheiros e criticado de fôrma a evoluir intelectualmente. Essa é a verdadeira finalidade do jornal do Centro. A Comissão criada é inoportuna. O trabalho de um principiante deve ser considerado sempre bem. Ele próprio, depois de colaborar por algumas vezes em nosso órgão oficial, adquirirá censo crítico bastante para verificar certos erros e determinadas omissões. É triste para um calouro ver criticados seus enganos e ridicularizados os seus primeiros passos para a ascensão literária. Lembrem-se os senhores da COMISSÃO DE CENSURAS & SEUS ACESSORIGS que um jornal da mocidade deve ser, antes de tudo, um veículo para revelação de valores e elevação do nome da classe. Se desejarem transformar o nosso querido “Formação” em cobaia para as experiências com um novo DIP assume a responsabilidade pelo que a reação a da classe poderá provocar. Apela ainda para a comissão no sentido de não repetir a proibição feita ao companheiro NOALDO DANTAS de responder a um artigo do prezado companheiro Roberto Domingos. Da discussão nasce o esclarecimento e do silêncio cresce o medo (TRIBUNA DO ESTUDANTE, 1951, p. 3-6).

Estes artigos de jornais supracitados, nos parecem, também, ser uma crítica à fala de Josué Sylvestre, apesar de ter como um dos redatores do *Jornal do Estudante*, o próprio Josué Sylvestre. Disto, podemos considerar que os jornais editados pelos estudantes ora se distanciam do jornal *Formação*, órgão exclusivo dos centristas, e que falas e interesses de estudantes nem sempre partiam de dentro do espaço do Centro Estudantal Campinense.

Também, em todos esses jornais editados pelos estudantes, percebemos as ações de estudantes e centristas serem articuladas com os ideais de uma política local, levando o Centro Estudantal a representar uma “porta de entrada” e porque não, as aspirações para aqueles jovens que almejassem a carreira política:

Nós tínhamos muita atuação, muita mesmo, porque o Centro Estudantal Campinense era respeitado, ouvido e o pessoal gostava muito de que o seu filho enveredasse, se fosse o para enveredar futuramente na política, que começasse por lá (LUCAS FILHO, depoimento: [março 2014]).

O perfil do movimento estudantil em Campina Grande, antes do golpe de 1964, pode ser apontado como “nacionalista”. Esse nacionalismo parecia atender as necessidades ao qual se encontrava o país. E sendo a juventude atuante em questões não apenas locais, mas, também, nacionais, Josué Sylvestre relata<sup>7</sup> que:

---

<sup>7</sup>Ao contar suas histórias de lutas e de vida, os relatos dos ex-militantes estudantis nos possibilitaram uma relação de proximidade e troca, revelando questões cruciais dos acontecimentos do passado que foram emergindo nas conversas. “Mais do que “recolher” memórias e performances verbais, deve-se provocá-las e, literalmente, contribuir com sua criação: por meio da sua presença, das suas perguntas, das suas reações” (PORTELLI, 2010, p.20).

Antes da Ditadura o Centro Estudantal vivia muito envolvido no movimento nacionalista brasileiro “O Petróleo é nosso”; na verdade surgiu no governo Vargas, o democrático, depois que ele voltou (1950), houve uma repercussão muito grande dessas ideias porque Vargas era nacionalista, a economia sendo dirigida por nacionais, por brasileiros, não uma subordinação que existia aos interesses do estrangeiro norte-americanos, ingleses (SYLVESTRE, depoimento: [nov. 2013]).

O CEC constituiu-se como espaço na busca dos estudantes por maior participação na dinâmica política da cidade. Para tanto, fez-se necessário à apropriação dos espaços cotidianos escolares<sup>8</sup> como forma de significar os discursos do Centro através das atuações de líderes estudantis: “Vivia-se uma época de efervescentes debates ideológicos com a juventude buscando espaço para uma presença mais efetiva na indicação dos rumos da sociedade brasileira” (SYLVESTRE, 1993, p. 363).

Ao longo dos anos, o Centro Estudantal se transformou em uma “voz ouvida e acatada pelas autoridades do município e as forças vivas da comunidade campinense” (SYLVESTRE, depoimento [nov. 2013]). Na fala dos narradores, ao lembrar suas ações no movimento estudantil, percebemos o enaltecimento das “potencialidades” que a entidade estudantil desempenhou no movimento de estudantes:

O Centro Estudantal Campinense deu mais de um governador, deu Antônio Juarez de Farias, deu Ronaldo da Cunha Lima, deputados estaduais, federais, senadores, vereadores, prefeitos, toda vida, campinense, paraibana e até mesmo do Brasil (LUCAS FILHO, depoimento: [março 2014]).

Disto, na fala do ex-centrista José Lucas Filho, confirmamos a relação de líderes estudantis com a política local e com os políticos, manifestadas em sinais de boa convivência e apoio em carreias posteriores. O fato mais evidente foi o apoio do governado José Américo a Fernando Cunha Lima, este presidente do Centro Estudantal entre os anos 1952-53:

Respondendo vosso telegrama tenho prazer manifestar meu firme propósito cooperar no movimento destinado elevar nível cultural do Nordeste tendo Campina Grande, como um dos seus centro naturais, saudações José Américo Governador (Jornal de Campina, 1952, p. 6).

Esse tipo de relação refletia os anseios dos jovens centristas em criar as condições favoráveis para a ascensão na política. Verdadeira “Escola de líderes”, muitos centristas (depois que deixavam a militância do Centro) passaram a assumir funções governamentais, mandatos legislativos e postos de direção de maior ou menor destaque na política da cidade e no Estado: Félix Araújo, Raymundo Asfora, Ronaldo Cunha Lima<sup>9</sup>, Evaldo Cruz, Fernando Cunha Lima, Ivandro Cunha Lima, William Arruda, Antônio Carvalho (SYLVESTRE, 1993, P. 364).

---

<sup>8</sup>Nas décadas de 1950-60, havia na cidade quatro colégios com grande representatividade entre os estudantes: Colégio Estadual de Campina Grande, Colégio Diocesano Pio XI, Colégio Alfredo Dantas e Colégio Imaculada Conceição.

<sup>9</sup>Muitos representantes políticos em Campina Grande e na Paraíba tiveram seus passos iniciais no Centro Estudantal Campinense, dentre os de maior destaque para os irmãos Cunha Lima, que tiveram grande representatividade e carisma na política local (a família Cunha Lima tem continua herança política). E

Problematizando a relação dos nomes dos representantes estudantis supracitados, observamos, em primeiro lugar, o Centro Estudantil agindo para “formar futuros líderes políticos”; e em segundo lugar, o movimento estudantil transparecendo uma luta por reivindicações de uma elite campinense.

Questionando o senhor Josué Sylvestre com relação ao vínculo da entidade com a política local, contraditoriamente nos relata:

Não, nenhuma, nenhuma, o que havia era o seguinte: a cidade era muito politizada, as diretorias tinham sim vinculação política com o quadro local, geralmente uma chapa era apoiada por um lado e a outra pelo outro lado, tinha chapa que era apoiada pelos adeptos do agimirismo, Argemiro de Figueiredo (ex-prefeito de Campina Grande). Dr. Argemiro nunca tinha assim se envolvido, mas era apoiado por estudantes que participavam do partido do Dr. Argemiro, que era a UDN, é o caso dos irmãos Cunha Lima (...) a 9 de junho de 1950 na tragédia da Praça da Bandeira, Ivandro foi um dos oradores ligados ao Dr. Argemiro, por um cuidado muito claro, ele não falou em nome do Centro, falou em nome da juventude campinense, mas todo mundo estava sabendo que era a voz do Centro, era o presidente do Centro (...) e havia o pessoal PSD, que era Genival Lucena, antes Raymundo Asfora, quando eu cheguei (década de 1960), já não havia essa ação assim tão forte da UDN e do PSD, já havia outros partidos, o Partido Socialista, eu era do Partido Socialista” (SYLVESTRE, depoimento: [nov. 2013]).

É significativo as ambiguidades, contradições e limites de lutas do movimento político estudantil em Campina Grande/PB, tendo o Centro Estudantil agindo na formação de jovens estudantes que almejavam a carreira política. Ainda mais significativo, é esse apoio dos estudantes aos Partidos Políticos e a influencia de um e de outro para angariar votos e/ou outros assuntos de interesses pessoais e coletivos.

Não esquecemos que um dos pontos atacados pelos estudantes, em greves lideradas pelo Centro Estudantil, reside, justamente, nas facilidades de acesso com meia-entrada em lugares privados, como cinemas, teatros, jogos de futebol e até mesmo em descontos de passagens aéreas, para quem adquirisse a carteira de sócio do CEC, ocupando ruas e praça, chegando até mesmo a acampar em frente a cinemas da cidade (SYLVESTRE, 2013).

Outro ponto atacado pelos centristas, com movimentações e protestos nos jornais e nas ruas, que causou grande repercussão e comoção na cidade, foi o assassinato do vereador e ex-centrista Félix Araújo, no ano de 1953, que representou, a partir daqui, relações/influência na política local, se configurando em uma maior participação política, onde o Centro se envolveu de forma mais intensa nos acontecimentos políticos na vida local, que fez com que o movimento político estudantil contasse com uma maior participação dos estudantes.

Intelectuais, jornalistas e estudantes acusavam abertamente em jornais da cidade de ter sido o mandante do assassinato o então prefeito Plínio Lemos. Tais acontecimentos marcaram profundamente a “cara” do movimento estudantil, tendo agora como líder da luta pela “justiça” Félix Araújo, morrido “covardemente lutando pelo povo”. Aquele se tornou um ícone de lutas posteriores entre os estudantes. “Ainda estamos no rasto do sangue de Félix Araújo” (AMORIM, depoimento: [dez. 2013]).

---

outros que não trilharam a carreira política, mas que permaneceram ligados à política local, como mediadores, no caso do nosso narrado Josué Sylvestre.

Sua memória e “coragem” perduraram para a posteridade, e se tornou uma referência da militância no Centro Estudantal. Grande comoção e revolta na cidade, sua morte fez ressoar um sentimento de continuidade da sua luta:

*Félix, continuaremos a tua luta,*

O povo de Campina Grande, chora a perda do seu grande batalhador, chora porque sabe que ninguém será capaz de substituí-lo. Mataram FÉLIX ARAÚJO, afim de fazer calar esta voz que dizia a verdade ao povo desta terra, cumprindo com bravura o mandato que o povo lhe confiou. Hoje, está inerte, porém a mocidade permanece viva, nós estudantes continuaremos a lutar pela liberdade. O espírito de Félix, continuará no seio da classe estudantil, incentivando-a nesta batalhar pela liberdade de Campina... Vai FÉLIX, aqui fica os teus colegas, os continuadores da tua luta (Jornal do Estudantal, 1953, p. 1).

Utilizando-se da imprensa para manifestar, discutir e expor suas ideias, a produção de jornais pelos estudantes campinenses, configurou-se como evidencia na pluralidade de usos e apropriações de significações de suas experiências políticas e sociabilidades culturais. Sendo responsáveis pela organização de diversos periódicos que circularam na cidade entre os anos de 1936-1964<sup>10</sup>, o movimento estudantil soube “usar” desses jornais como instrumentos de luta e os elegeram – além do rádio, caminhonetes e dos discursos em praça pública –, como veículo privilegiado de divulgação, passando a ser um “porta-voz” aos interesses dos estudantes.

Assim sendo, a preocupação com as letras e a vida intelectual dos estudantes era transmitida nos jornais de modo que, incentivava estudantes a escreverem e publicarem seus escritos, numa forma de incentivar uma maior participação dos estudantes pelos usos que faziam naquele espaço-tempo, a partir de suas tantas vivências em tantos outros cotidianos e das relações que Centro Estudantal Campinense estabelece com o movimento político local.

Esses outros cotidianos foram refletidos nas agitações políticas no início da década de 1960 - com a renúncia do presidente Jânio Quadros a conturbada pose do vice-presidente João Goulart<sup>11</sup> -, que culminou com prisões e perseguições a líderes estudantis e sindicais. Em setembro de 1961, na manifestação de apoio a pose de Jango, o ex-militante Josué Sylvestre, descreve o episódio do “Movimento da Legalidade”:

A renúncia do presidente Jânio Quadros (25/08/1961) teve ampla repercussão em Campina Grande, em faze do clima de permanente politização e de nacionalistas em franca ascensão, nas entidades estudantis e nas organizações sindicais. Tão logo foi divulgada a notícia essas lideranças se movimentaram em função da defesa da legalidade democrática, programando manifestações cívicas sem qualquer cor partidária. Os segmentos estudantil e operário

<sup>10</sup>*O Colegial* (1935-40); *A Voz da Mocidade* (1936); *Tribuna do Estudante* (1951); *Jornal do Estudante* (1953); *Formação* (1936-1964). A pouca duração desses jornais explica-se por terem sido produzidos com recursos dos estudantes. Apesar de o jornal *Formação* ter um período relativamente longo, sua produção foi esporádica e não encontramos exemplares na década de 1940.

<sup>11</sup>Depois da renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República, no dia 25/08/1961, o vice-presidente João Goulart foi impedido de assumir a presidente. “O vice-presidente da República era João Goulart, cria política de Getúlio Vargas, principal mentor do trabalho e líder nacionalista. Aproveitando-se da atitude intempestiva de Jânio, chefes militares e lideranças políticas e empresariais assumiram uma postura intransigente e antidemocrática de impedir a posse do substituto constitucional do renunciante” (SYLVESTRE, 2013, p.69). Depois de vários levantes nacionais, conseguiram chegar a um consenso, e no dia 02/09/1961 o sistema parlamentarista foi aprovado e no dia 08/09/61 Jango foi empossado.



formalizaram o seu pensamento sobre a crise num “Manifesto ao Povo Campinense”, divulgando em boletins e publicado na última página do Diário da Borborema do dia 29 de agosto, só com a assinatura de líderes estudantis (SYLVESTRE, 1988, p. 337).

Em apoio à pose do presidente Jango, o Centro Estudantal convocou uma Assembleia Geral, sob as orientações da UNE<sup>12</sup> e UBES (União Nacional dos Estudantes; União Brasileira dos Estudantes Secundários), deflagrando uma greve local dos estudantes que duraria até que o presidente fosse empossado. Disto resultou em perseguições e prisões de alguns líderes estudantis e sindicais campinense, por se envolverem na “Bandeira Nacional” durante passeatas cívicas em Campina Grande/PB. “Esta atitude de defesa da democracia e da constituição me valeria à única prisão de toda a minha participação e ininterrupta vida política desde os 14 anos de idade” (SYLVESTRE, 1988, p. 337).

As narrativas e os depoimentos de Josué Sylvestre ajudam-nos a refletir acerca da forma como a memória e mesmo a imprensa, ao discursar sobre as ações dos estudantes, nomeavam-se como aqueles que lutavam pelo apoio à democracia, legalidade e justiça. Continua Josué Sylvestre acerca da sua prisão:

Fui conduzido para João Pessoa, num jipe do Exército, ao lado do líder sindical José Pereira dos Santos, o atual vereador José Peba; a escolta era formada por militares estudantes. Na capital, depois de uma ligeira passagem pela frente do DOPS fomos levados ao Quartel do 15º RI, em Cruz das Armas, onde instantes depois também chegava de Campina Grande o líder universitário Henrique Miranda de Sá Neto. Receberam-nos do alto da escada da área interna o General Sílvio Cahu e seu Estado-Maior (SYLVESTRE, 1988, p. 338).

Apesar de ser considerado com um movimento com reivindicações específicas as lutas da classe estudantil, o Centro Estudantal Campinense, ao mesmo tempo, atuou com fortes relações com a política local, levando, por vezes, as suas reivindicações se “mascarassem” as inspirações de uma elite local, além da credibilidade e confiança que desfrutou junto a políticos locais, passando a ser um espaço de interesse para aqueles que viram a oportunidade de retornos futuros.

O Centro Estudantal Campinense esteve presente institucionalmente até o ano de 1964, por intervenção de militares que determinaram seu fechamento com cassação de mandatos; limitação de direitos; prisões e interrogatórios de líderes estudantis e invasão da sede do Centro levando todos dos arquivos.

Vários líderes estudantis foram investigados e interrogados devido a atuações em movimentos estudantis no período anterior ao golpe de 64, pelos Inquéritos Policial-militar, instaurados pelo governo militar, chamado de “IPEEMÃO da UNE/UBES”:

Assim, no dia 6 de setembro de 1965, pela manhã, atendendo a uma convocação do major José Correia de Macedo, vindo do Rio de Janeiro, compareci ao 15º Regimento de Infantaria, em João Pessoa, para prestar depoimento. Ao chegar ao quartel, o major me atendeu e disse que só iria me ouvir às 20:00 h, porque outras pessoas já

<sup>12</sup> A UNE representou para os estudantes uma entidade “ideal legalmente reconhecida”, em 1937 de caráter amplo e nacional, com a instalação do 1º Conselho Nacional dos Estudantes, na escola de Belas Artes. A UNE só exerce suas atividades legalmente até 11 de abril de 1964, quando é colocada na ilegalidade, pela lei Suplicy de Lacerda (POERNER, 2004).

estavam convocadas para interrogatórios durante o dia (SYLVESTRE, 2013, p. 75).

Diante de tantas mudanças ocorrendo no Brasil, naquele ano de 1964, certamente as reivindicações dos estudantes mudaram de posição. A luta dos estudantes passou a ser contra um regime de opressão, e não apenas visando a atender as imediatas prioridades/necessidades da classe estudantil; seguindo uma ideologia, voltada à liberdade oprimida pelos militares. O Centro Estudantil Campinense só voltará a funcionar normalmente depois da redemocratização do país, “porém nunca mais readquiriu a força e o prestígio dos seus primeiros anos” (SYLVESTRE, 2013, p. 54).

## REFERENCIAS

AMORIM, Agnelo. **Agnelo Amorim**: depoimento (02 de dezembro de 2013). Entrevistadora: Ajanayr Michelly Sobral Santana. Transcrito a partir de suporte digital Mp3.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Campina Grande: Arquivo do Acervo Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba, 1961-1962.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Editora Loyola, 2008.

FORMAÇÃO. Campina Grande. Acervo do Museu Histórico de Campina Grande, 1953-64.

GAUDENCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. **Da Academia ao bar**: círculos intelectuais, cultura impressa e repercussões do modernismo em Campina Grande – PB. Dissertação de Mestrado em História. Campina Grande: UFCG, 2012.

JORNAL DE CAMPINA. Campina Grande: Arquivo do Acervo Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba, 1952-1953.

JORNAL DO ESTUDANTE. Campina Grande, Acervo do Museu Histórico de Campina Grande, 1953.

LUCAS FILHO, José. **José Lucas Filho**: depoimento (17 de março de 2014). Entrevistadora: Ajanayr Michelly Sobral Santana. Campina Grande: 2014. Transcrito a partir de suporte digital Mp3.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos. **A Geração Engajada**: busca de espaços na velha estrutura de poder (um estudo sobre o Centro Estudantil Campinense) 1955-1960. Dissertação (Mestrado em sociologia rural– Universidade Federal da Paraíba) Campina Grande, 1990.

POERNER, Arthur. **O Poder Jovem**: História da participação política dos estudantes desde o Brasil-Colônia até o governo Lula. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Poder Jovem**: história da participação política do estudantes brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SANFELICE, José Luca. **Movimento Estudantil**: a UNE na resistência ao golpe de 64. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

SYLVESTRE, Josué. **Nacionalismo & Coronelismo**: fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1954/1964). Brasília, Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **Da Revolução de 30 à queda do Estado Novo**: fatos e personagens de Campina Grande e da Paraíba (1930-1945). Brasília, Senado Federal: Centro Gráfico, 1993.

\_\_\_\_\_. **Meio século de vida pública sem mandado ou com?**: fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1950-2000). Campina Grande: Latus, 2013.

\_\_\_\_\_. **Josué Sylvestre**: depoimento (10 de novembro de 2013). Entrevistadora: Ajanayr Michelly Sobral Santana. Transcrito a partir de suporte digital Mp3.

TRIBUNA DO ESTUDANTE. Campina Grande: Acervo do Museu Histórico de Campina Grande, 1951.